

No fundo, eu fui expulso do país

muito mais - Quem é Paulo Freire? Como e quando começou a trabalhar com educação?

Paulo Freire - Em primeiro lugar, eu sou um homem. Nasci na cidade do Recife, Pernambuco, localizado no Nordeste. Por isso mesmo eu sou um homem brasileiro e sou um homem da América Latina. Em segundo lugar, por causa de condições e circunstâncias, eu me tornei professor. Comecei a trabalhar com educação na década de 50. Como educador, como pensador da educação, eu venho sendo um homem que me considero, coerentemente, progressista. Desde minha tenra idade, eu me arrepiava, quase, instintivamente, diante de qualquer postura reacionária, discriminadora de raça, sexo, de classe. Eu sempre pensei que a tarefa da gente no mundo e na história é refazer o mundo, é reconstruir o mundo no sentido de faz-lo menos feio, menos injusto, menos maldoso, menos malvado. Um mundo mais humano, um mundo mais fácil da gente amá-lo. Então ainda hoje, apesar dos meus 72 anos, sou professor da PUC de São Paulo e sou escritor, quer dizer escrevo constantemente. Recentemente escrevi, em um ano e meio, 5 livros. E sou um homem de fé mais do que religioso, eu tenho fé. E distingo a posição de quem tem fé da posição, de quem é puramente, simbolicamente religioso - eu não sou isso.

muito mais - Na década de 60, o senhor ficou muito conhecido no Brasil e no exterior com o método Paulo Freire. Como é isso, realmente você tem um método?

Paulo Freire - Desde aquela época, anos 60, eu já reagia a essa questão de métodos. Eu acredito que métodos a gente faz, a gente inventa na própria prática em que a gente participa. E o que eu penso que faz, muito mais do que isso, foi uma tentativa de compreender, criticamente, a prática educativa. Quer dizer, me deu uma inteligência crítica, dialética da prática educativa e dentro dessa compreensão maior da prática educativa necessariamente, um dos seus capítulos seria à alfabetização de adultos e, em lidar com o analfabetismo e, portanto, com alfabetização implica em lidar com uma certa metodologia de ler e de escrever a língua. Mas isso não foi, eu creio, o mais fundamental, se é que posso falar assim, da contribuição que eu venho tentando dar ao país e ao mundo no campo da educação geral. (Em todo caso, eu acredito que é legítimo falar em dois ou três pontos sobre o que eu me estendi e venho me estendendo ao longo de todos esses anos). Quer dizer, nos anos 60, me preocupei com o problema do analfabetismo - porque esse era um problema muito concreto, como ainda é hoje, um problema muito objetivo.

muito mais - O que é alfabetizar?

Paulo Freire - A alfabetização implica uma dimensão política e um problema numa dimensão científica dentro da qual você vai encontrar o problema lingüístico e o problema ideológico e necessariamente no fim, um problema metodológico e um problema pedagógico. Quer dizer, por causa disso eu vou resumir em três ou quatro pontos a minha proposta no campo pedagógico que não esconde uma opção política e ideológica. Eu partia em primeiro lugar, de que a prática educativa implica: 1) a existência de sujeitos que se relacionam em um certo contexto que é o contexto escolar. Esses sujeitos (que se relacionam), não se relacionam em torno de nada, mas se relacionam, pelo contrário, em torno de um certo objeto de conhecimento que é o conteúdo que o professor ensina e o conteúdo que o aluno deve aprender. Então, de um lado, os sujeitos da prática educativa, educador e educando; do outro, mediando os dois sujeitos, o objeto a ser ensinado e a ser aprendido. Conteúdo

ensinado pelo professor e aprendido. E, além disso, a prática educativa implica métodos, processos, técnicas. 2) eu partia de que, o que me interessava no momento, o objeto que devia ser ensinado era exatamente esse. O objeto era a aprendizagem de parte dos alunos de ler escrever. Eu estava convencido de que não cabia ao professor depositar na cabeça vazia do aluno o objeto que ele deve ensinar. No caso não caberia ao professor impor as letras, ou as palavras ou as sentenças na cabeça do analfabeto ou do alfabetizado. O processo de alfabetizar, eu dizia, já naquela época, nos anos 60, era um processo criador, em que o educando deve assumir o papel de sujeito do próprio processo de aprender. Portanto, não caberia ao professor alfabetizar e ao alfabetizando, alfabetizar-se. Mas aos dois trabalhando com o sentido de efetivação do objetivo daquele ensino que era ler e escrever. Em terceiro lugar, o próprio programa do ensino, portanto, os conteúdos deste ensino deviam partir, deviam ser retirados da experiência cultural, da experiência local dos alfabetizandos. Então eu recusava, por exemplo, que pudemos chegar a uma área camponesa com palavras de um mundo urbano que revelasse uma experiência cidadina em lugar de uma experiência camponesa. Da mesma forma, chegar a um centro urbano como São Paulo uma experiência rural, para ensinar a ler e a escrever.

muito mais - Já nesta época você criticava a forma de cartilhas? Como era isso?

Paulo Freire - Eu partia da crítica à essa alienação, por isso mesmo, então, eu criticava também as cartilhas. Uma coisa que eu nunca deixei de respeitar foi a existência de textos de leitura. Eu criticava a cartilha porque ela, no fundo, terminava por domesticar o alfabetizando no processo de ler e aprender a ler e escrever e eu acreditava que ele é que devia montar o seu processo de leitura e de escrita com a ajuda do professor, do alfabetizador. E, em seguida, durante o processo de ler e escrever deveriam, o próprio alfabetizando iria, com o educador criando os seus textos de leitura, para que então os companheiros lessem o que Pedro ou Maria escreveu e escrevessem alguma coisa como respostas ao que Pedro e Maria escreveram. Quer dizer, no fundo eu propunha o estímulo a um processo de produção, um discurso de alfabetizando em lugar de ter o alfabetizando como um paciente de nosso discurso. Eu acreditava que o discurso, primeiro, o discurso original, devia vir dele mesmo, no começo com simples palavra, simples frases, e depois chegaria a escrever pequenos textos. A leitura dos textos escritos por eles mesmos possibilitariam um avanço nesse processo de ensino e chegar até uma compreensão mais lógica da linguagem falada e escrita. Em síntese, era isso que eu propunha. Num aspecto fundamental eu não separava, naquela época, a leitura que eu a chamo de palavra (a leitura da frase, da leitura do mundo), eu dizia - e continuo dizer - que a leitura da palavra é sempre precedida pela leitura do mundo. Primeiro a gente lê o mundo, a natureza, os sinais das nuvens, que anunciam chuva, tempestade, vento. Depois é que a gente domina a leitura da palavra. Toda a leitura de mundo antecede a qualquer leitura da palavra ou da escrita, da palavra ou da frase. Quando a gente consegue ler a frase, a ler a palavra, necessariamente a gente deve ler, que dizer, a gente deve compreender o interior do mundo que a gente fazia. Isto é, portanto, um processo eminentemente político. Não há quem faça uma leitura do mundo para compreendê-lo melhor a não ser tocando na dimensão política e ideológica da vida humana. E foi, exatamente por isso, que foi preso, expulso do país, e vivi no exílio 16 anos, fora do Brasil. Eu propunha

homem popular, ao analfabeto, não apenas o bê-a-bá, mas propunha, também, uma compreensão crítica de como o mundo andava, quer dizer, que os camponeses, os trabalhadores entendessem a razão de ser da sua própria vida. Por que os camponeses não tinha comido ainda na hora do jantar? Era preciso discutir isso. Era papai do céu que proibia que eles comessem? Era a preguiça deles? Não. Não era nada disso. Era uma desordem social. Era a injustiça do sistema capitalista. E, obviamente, quando você desafia o homem e a mulher do povo para uma compreensão mais crítica de seu próprio mundo e da injustiça é que você desperta a necessidade de lutar. Eu acredito que é isto é que contrói. No fundo eu fui expulso do país porque lutei pela cidadania brasileira, e hoje continuo fazendo a mesma coisa, com mais saber do que antes.

muito mais - Qual a importância da educação popular hoje no Brasil?

Paulo Freire - Eu acredito que a educação popular hoje no Brasil é atual. Não só o Brasil, mas no mundo todo. Recentemente foi editado um livro sobre educação popular na Europa com mais de 50 pedagogos do mundo inteiro, inclusive eu. O discurso neoliberal, reacionário, capitalista diz que acabou a utopia, o sonho, não há mais classe social não há luta de classe. Não há direita, nem esquerda. Tudo virou igual. Eu não acredito nisso. Se tudo virou igual, então, a questão mais lógica é a consequência seguinte: a educação hoje não pode ser nada mais, o puro treinamento de técnicas que ajudem a ser um eficaz obrero, um eficaz trabalhador. Para mim é um absurdo político, é uma questão anti-ética. Eu acredito que a educação popular hoje no Brasil é tão importante como já foi e que ela precisa, obviamente, adequar-se à nova realidade em que o mundo está vivendo nesse final de século.

muito mais - E hoje, 30 anos depois que você tentou implantar um sistema de ensino ligado ao cidadão, à cidadania me parece que a crítica que você fazia naquela época com a educação bancária ela se mantém. O Brasil continua tendo milhões de analfabetos. Como você vê isso hoje? O país não tem um projeto de educação?

Paulo Freire - Eu acredito que não. Ele não tem não é porque não há pedagogos. E nós tomamos o mundo todo, tanto na direita ou esquerda. O que está faltando, exatamente, é a decisão política de algum partido decida colocá-lo em prática. O homem e a mulher têm o direito de saber. Eu parto desse princípio, que é uma questão ética. E, hoje, a falta de uma decisão política ainda não chegou no Brasil. Eu ainda espero que estejamos mais perto,

O educador Paulo Freire, na foto, recebeu o Prêmio Bello, concedido pela OEA. Durante a cerimônia, o diretor do Instituto Paulo Freire, Carlos Marinho, falou sobre o trabalho do educador.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-05061-100 - São Paulo - SP - E-mail: ipf@paulofreire.org

porque lutei pela cidadania brasileira



menos longe disso. Eu não sou pessimista com relação à vida política do Brasil. Por exemplo, nesse momento, em que todos se espantam com os escândalos que se abrem todo dia. Nós estamos tendo uma experiência democrática fantástica. Nós estamos vivendo um dos períodos mais ricos na história da política brasileira. A história é um processo. A solução para o Brasil é mais democracia.

multo mais - Qual a importância que você vê de cultura em um processo educativo?

Paulo Freire - Eu acredito que eu te respondo com muita rapidez essa pergunta, é impossível dicotomizar uma da outra, na medida mesma em que a educação se dá no corpo da cultura e interfere na cultura. Tanto pode intensificar uma compreensão cultural do mundo como pode lutar para mudar a compreensão cultural. Por exemplo: em primeiro lugar a educação e a cultura se dão juntos. A separação dos ministérios de Cultura e Educação é puramente burocrática. Mas no ponto de vista da administração você tem às vezes que fazer separações didáticas. Mas por exemplo, o machismo é profundamente cultural não só no Brasil mas em outras áreas do mundo, no Nordeste é terrivelmente cultural. Quer dizer, a cultura mesma, já condiciona os meninos e as meninas para a separação entre um e outro para direitos de um, deveres da outra. No momento, porém, que você tenha uma compreensão política também da ideologia discriminadora do machismo e que você reconheça essa ideologia como uma ideologia anti-democrática, na medida em que você sendo democrata, revolucionário, você tem que lutar no sentido de superar a cultura machista: Aí a educação pode ter um papel extraordinário porque em lugar de ajudar e preservar, ela pode ajudar a mudar. Quer dizer, mas ainda quando a educação se dirige no sentido da mudança ela é cultural. Você não pode educar fora da cultura. Você pode até fazer cultura, sem fazer abertamente educação, mas ao fazer cultura você faz educação também.

multo mais - O que na sua visão é Cultura?

Paulo Freire - Quer dizer, a cultura é exatamente o sol da inventividade humana. A gente inventa coisas, na transformação das coisas e o produto que a gente ganha é cultural. E nesse sentido é cultura o martelo que o artesão fabricou, é cultura o primeiro arco que um gênio primitivo criou, como é cultura uma sinfonia de Beethoven, como é cultura a conversa que eu estou tendo sobre cultura, como é cultura o livro que eu escrevo, como é cultura passar na rua e dizer "boa tarde", estender a mão ou não, dizer quer dizer cultura. Cultura é, afinal de contas, a extensão inventiva do homem e da mulher. O ser humano dentro da história é um pouco o alongamento da cultura. E a cultura é um pouco também uma espécie de elemento fabricador da história. Mas você aí tem outras dimensões da cultura, a cultura material, a cultura mais espiritual, etc. Porque não é possível pensar o mundo da cultura sem estética, ética, política.

multo mais - Porque é importante ligar a teoria com prática?

Paulo Freire - A importância fundamental resulta de que uma não está separada jamais da outra. E não é a gente que une as duas, as duas é que estão assim sempre, em relação contraditória, em relação processual. De maneira que o grande trabalho nosso não é o de ter inventado a unidade dialética prática-teoria, mas é o de perceber essa unidade, é o de discutir essa unidade e é o de então obedecer

à elas. Marx, por exemplo, antes de Marx, a gente teve na velha Grécia, depois teve Hegel que foi o grande, enorme, o imenso construtor de uma compreensão diabética que Marx fez. O problema deles é que ele não inventaram isso, mas eles descobriram isso. Quer dizer, perceberam essa unidade que nos leva a perceber o seguinte: em toda prática você encontra ou pode encontrar embutida, uma certa teoria e que em toda exposição teórica, ou existe a possibilidade de uma prática coerente com ela ou ela não presta. Por exemplo, pra minha formação o educador tal nisso. Está experimentar-se na unidade contraditória entre a sua prática e teoria dessa prática e foi isso que a gente fez no governo de Erundina na Prefeitura.

multo mais - Você acredita que ninguém conscientiza ninguém?

Paulo Freire - Eu acredito que não. Eu acho que nós nos conscientizamos juntos. Por exemplo, o educador que pensa que vai conscientizar os alunos e que não vai se reconscientizar ou conscientizar é um educador, no mínimo, pouco humilde. Quer dizer, o processo da conscientização se dá na lucidez da leitura do mundo e na opção de luta para efetivar um mundo melhor, um mundo menos ruim. Então eu não posso me arvorar em proprietário de um consciência crítica que os outros não tenham. Isso daí é uma postura que por exemplo, a concepção de esquerda da vanguarda tinha muito a ver com isso. É como se as vanguardas tivessem nascido já vanguardas. De tal maneira perfeitas e corajosas e sábias, que elas não correram nunca o risco de ser alienadas. Mas as outras pessoas, as classes trabalhadoras (esses começam que não têm consciência política ainda, consciência de classe). Então a vanguarda tem a consciência de classe a qual ela não pertence. Quer dizer, é uma coisa fantástica. Eu sou um intelectual pequeno-burguês e digo que o operário não tem consciência de sua classe, mas eu tenho consciência da classe dele. Isso é uma exorbitância. No fundo eu acredito que os progressistas deveriam ser profundamente humildes na nossa luta político-pedagógica no mundo. Não pensar nunca que somos os que temos a verdade. Há outros também com verdades.

multo mais - O senhor se considera uma pessoa humilde?

Paulo Freire - Se eu me considero? Olha, o risco que a gente corre é a gente mesmo se considerar humilde. Você quando assume que é humilde você pode perder a humildade. Mas uma coisa eu te digo: eu luto para ser humilde. Eu acredito que ninguém é sem estar sendo. A gente só é quando está sendo, e a gente está sendo na vida cotidiana. Por exemplo, não adianta que eu te diga que sou um homem humilde se, por exemplo, na faculdade eu dou uma aula com esse discurso que eu estou usando aqui, mas dentro de casa eu desrespeito quem trabalha comigo, a mulher que cozinha, se pedir água a ela e não peço por favor. Quer dizer, não adianta o discurso que eu faço lá. É um discurso em descontinuidade. Eu acredito que a humildade exige um coerência enorme. Com o que você diz e que você faz. Quer dizer, você é tão mais humilde, quanto mais você reconheça que diariamente você trabalha para diminuir a distância entre o que você pensa, escreve e faz. Quando você se percebe lutando para diminuição dessa distância você está ficando realmente humilde.

O educador Paulo Freire tornou-se famoso, na década de 60 com o método de educação que tinha seu nome. Com o golpe militar de 64 foi preso e exilado do país. É autor de várias obras como Pedagogia do Oprimido (que foi traduzido em várias línguas) e o último "Cartas à Cristina". Paulo Freire foi secretário municipal da educação de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina. Em 1992, Paulo Freire recebeu o Prêmio Interamericano de Educação Andrés Bello, concedido pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Hoje aos 72 anos, ele continua em plena atividade: leciona e escreve. Em apenas 17 meses, publicou 5 livros. Durante uma hora, Paulo Freire conversou com o repórter Carlos Magno Borges, numa entrevista exclusiva ao jornal multo mais.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org